

Resenhas



CULTURA NACIONAL E IDENTIDADE

PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. *O Brasil no discurso da antropologia nacional*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006. 184 p.

*Leandro Mendes Rocha**
leandromrocha@uol.com.br

Como parte das atividades de pesquisa do Projeto Etnicidade, Região e Nação Erena/CNPq, que envolve pesquisadores da Universidade Federal do Amapá, da Universidade Federal de Goiás, da Universidade Federal do Pará, da Universidade Estadual de Goiás e da Universidade de Brasília, foi publicado, em 2006, o livro de Mônica Thereza Soares Pechincha, intitulado *O Brasil no discurso da antropologia nacional*, em que se analisa a relação entre cultura nacional e identidade. Segundo a própria autora, o outro na nação é o tema e o liame que permite a composição do livro. Seu ponto de partida foi um estranhamento quanto à representação antropológica da nação brasileira, onde o outro desaparecia em nome de uma totalidade. Para a autora, não se deve postular os outros na nação, como entidades sociais também integradas em si mesmas, razão pela qual ela parte da idéia de que a crítica antiessencialista contrapõe-se intrinsecamente à autoridade no reconhecimento do outro e de que a alteridade é uma relação. E, nessa relação, a alteridade que se cria a partir dos lugares de enunciação hegemônicos da diferença pode levar ao problema da redução do outro.

Essa perspectiva levou a autora à interrogação do poder como embutido no ato da representação. Na sua argumentação, ela critica o discurso da nação como um discurso essencializador, uma vez que a nação precisa representar-se como uma totalidade substantiva. A comparação entre os conceitos de ideologia, de acordo com a antropologia e o marxismo, levou-a ao conceito de discurso. Para Pechincha, nenhum discurso pode-se isentar da sua conjunção com o poder. Foi com base nesse pressuposto que ela analisou a representação antropológica da

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

cultura/nação brasileira, como um discurso em que se fala em nome da representação nativa e, ao mesmo tempo, se oculta o outro na nação.

Ao analisar a obra de Roberto DaMatta, Pechincha afirma que, entre outros fatores, falta a este autor a problematização da relação entre sujeito de conhecimento e objeto representado, porque aquele antropólogo falaria como um nativo. Na conclusão, ela reconhece que não é possível abordar a nação de forma antropológica, sem levar em conta o signo da nação e o local onde o poder foi produzido. Contrapõe a representação de Roberto DaMatta, para quem a nação foi apreendida como “um todo que se isola na medida em que se diz que ela forja a sua própria moralidade cognitiva” à representação subalterna, de forma a romper com as hegemonias, desfazendo a ordem antropológica do mundo e perturbando a racionalidade hegemônica. Segundo Pechincha, a única razão de ser das antropologias periféricas é subverter essa supremacia cultural.

Ao finalizar, cabe-nos reconhecer que este livro, com certeza, trará uma grande contribuição para o pensamento sociedade, graças à sua profunda fundamentação teórica.